

## Michel Foucault

Michel Foucault esteve em Belo Horizonte. Pena que Didier Eribon tenha tido e divulgado noticia tão sucinta. Com efeito à página 329 do seu livro "Michel Foucault", ele anota apenas, a proposito das viagens de Foucault ao Brasil - "Il a voyagé à l'intérieur, jusqu'à Belo Horizonte..." Sobre esta permanencia de Foucault em Belo Horizonte, quero trazer meu testemunho. Contamos na ocasião com o apoio e participação de Moacir Laterza, assim como de outros colegas do Departamento de Filosofia da FAFICH, entre eles José de Anchieta, também participante desta serie de encontros hoje aqui na PUC. Moacir que trabalhava com o texto de Foucault em seus cursos pôde trazer interessante contribuição aos debates realizados naquela ocasião. Na casa de nossa colega Consuelo Albergaria, organizamos uma recepção à qual compareceram Foucault, colegas da FAFICH, numerosos convidados. Naquela ocasião Laterza nos mostrou montagem em torno do quadro de Velasquez "As meninas".

Oscar Cirino, nova geração afluente, levou para o Centro Michel Foucault, em Paris, documentação referente a esta passagem de Foucault por Belo Horizonte. Uma nova biografia sobre Foucault está sendo realizada graças ao trabalho de David Macey. Este pesquisador inglês tem estado em contato conosco através de cartas além de entrevista como foi o caso recentemente em Paris. Foi muito importante esta vinda de Foucault a Belo Horizonte. Quero deixar registrado este testemunho quando a Universidade Católica nos dá esta oportunidade de mais uma vez lembrar o amigo, o trabalhador incansável, o batalhador de tantas lutas, o militante sincero, o arqueólogo, o arquivista, mas sobretudo aquele que nos ensinou algo sobre a verdade. Este ensinamento eu resumiria nesta frase colhida pelo amigo Paul Veyne - a grande questão para Heidegger era de chegar a conhecer o fundo da verdade; para Wittgenstein de sabermos o que dizemos quando dizemos a verdade; para ele, Foucault, a questão é "d'où vient que la vérité soit si peu vraie".

Alguns reparos foram feitos em se tratando de determinados pontos da obra de Foucault; se quisesse, poderia enumerá-los. Referem-se à liberdade com que manipulou dados, estabeleceu fronteiras, periodizações, tirou inferencias, aproximou situações distantes no tempo. Historiadores tiveram reação desfavorável por ocasião dos primeiros contatos e leituras uma vez publicados os trabalhos de Foucault. Tudo isso está documentado. Porém, se nos limitarmos ao exame estrito da documentação teremos perdido ocasião para travar contato com uma estratégia das mais fecundas e astuciosas postas em praticas no campo das ciencias que fala do homem e de seus avatares. A estratégia consiste em 1. identificação de trecho discursivo documentado de importancia em se tratando de problemas de nossa contemporaneidade; 2. desmontagem do objeto de que trata o trecho; em seguida montagem de um novo objeto a ser submetido a estudo; 3. exercicio da arte de persuadir trata de apresentar o novo objeto de estudo graças a erudição e reapresentação em diferentes contextos capazes de contribuir para

Documento proveniente do portal  
celiogarciaoficial.com.br



operação de verificação em andamento; 4. lançamento do objeto em questão no campo do saber quando se trata de tese a ser endereçada à Academia, no campo da política pelo canal massmedia quando se trata de tema de atualidade; 5. esperar um pouco e atestar os efeitos de verdade que a operação permitiu.

Ao final da vida, poder dizer - a questão vem a ser "d'où vient que la vérité soit si peu vraie". Porém se Foucault adotou estratégia brilhante, astuciosa, em nada se poupou no caminho arduo do trabalho incessante até os últimos dias de sua vida. Para atestar os testemunhos são numerosos; bastaria este último seminário no Collège de France em Fevereiro de 1984, já gravemente atingido pela doença, cujo título dizia "Le courage de la vérité"

Foucault e a Psicanálise.

Assim é que fui levado a me perguntar sobre as relações de Foucault e a Psicanálise, sobre o encaminhamento a dar a posições tão dispares emitidas pelo mesmo Foucault. Como sabemos em 1966, Foucault considerava a Psicanálise uma disciplina piloto, em 1976 uma prática retrograda; em 1966 a Psicanálise foi vista como condição de possibilidade de todo saber sobre o homem, em 1976 a mesma Psicanálise foi objeto de operação própria à estratégia corrosiva da arqueologia. O chamado "dispositivo sexualidade" (o fato de acreditarmos que ao falar de sexo encontraríamos aí alguma verdade relativa ao homem) quando acionado pela arqueologia de Foucault daria conta da Psicanálise apresentando-a como prática sem interesse a ser denunciada pelo arqueólogo. Assim fez Foucault na "Vontade de saber"; de lá ele partiria para completar seu plano que ficou inacabado. Um longo silêncio se fez entre este livro e os outros que estavam anunciados na contracapa da primeira edição. Quando vieram os próximos "O uso dos prazeres" e "O cuidado de si" constatamos atônitos que o arqueólogo havia modificado consideravelmente seu plano inicial. Estes dois livros não constavam no plano inicial; eles nos levavam à Grécia, à Roma alongando bastante a trajetória do arqueólogo. Porque não o "judaísmo antigo" pôde dizer Maurice Blanchot nesse admirável "Michel Foucault tel que je l' imagine". Que teria acontecido? "Circunstâncias de ordem privada" como registra Maurice Blanchot sem contudo se permitir ir mais longe na elucidação destas circunstâncias. "Il ne servirait à rien de les connaître" finaliza Blanchot este parágrafo. Não sabemos ao certo. O amigo Paul Veyne foi um fiel companheiro e por vezes conselheiro em se tratando dos estudos sobre a Grécia e Roma. Por conseguinte, houve deliberada digressão o que implicava em recuo no tempo para a completa execução do projeto de uma arqueologia que explicasse e desse conta da Psicanálise. Não foi fácil refazer o sucesso já alcançado em se tratando de outros objetos de estudo identificados pelo arqueólogo. A Psicanálise de toda evidência oferecia dificuldades muito especiais. Donde o recurso - recuar para melhor localizar o alvo. Por conseguinte, Foucault insistiu mesmo quando o instrumento de trabalho ao qual já estava habituado não lhe fornecia os resultados esperados. Insistiu por puro amor à verdade - "d'où vient que la vérité soit si peu vraie"



Pois bem, Foucault foi sendo levado nos últimos anos de vida "num movimento retrógrado sem freios e sem limites" levado pelo instrumento de trabalho que ele mesmo forjara, a arqueologia, arqueologia que consiste em se procurar a fundação, a origem para se por às claras o caráter bastardo, violento de práticas discursivas e sociais. Esta máquina que se mostrara tão eficaz em outras circunstâncias conseguiria agora mostrar um corpo sem sexo cujos prazeres múltiplos não seriam mais reunidos sob o comando unificador da castração? A Grécia parece ter oferecido a Foucault o ponto de apoio que ele procurava - um corpo de prazer plural, com o qual ele passou a contar nesse trabalho que lhe custou a vida. Prefiro pensar como Maurice Blanchot e reler a "História da sexualidade" não como um combate contra a Psicanálise, o que seria irrisório, no dizer do próprio Blanchot. Nem tampouco o sujeito desapareceu quando a morte do autor foi por Foucault identificada em um dos momentos da estratégia a que fizemos alusão; a dispersão do sujeito no entanto, esta que não o aniquila, é duplamente interessante pois que ela aponta para uma pluralidade de posições e uma discontinuidade de funções não percebidas por aqueles que vivem da sobrevivência deste mesmo sujeito. Não sei o que será feito da Psicanálise no século que se anuncia; sou levado a pensar que os psicanalistas se defendem da ideia de ver a questão posta nos termos em que acabo de sugerir. Meus colegas apressados logo querem saber onde serão levados os enigmas que cada um traz dentro de si, com isso tentando interromper um trabalho de reflexão. Não conseguiria chegar a esta formulação se não fosse o trabalho de Foucault, apesar de não pensar como ele que um novo sujeito ético possa surgir graças a uma estética da existência.

#### Arqueologia do pensamento de Foucault

Em 1954 Foucault publica "Maladie mentale et personnalité". Li este livro nesta primeira edição quando estudante de Psicologia do Institut de Psychologie em Paris. Em 1962, por ocasião de uma reedição, o livro foi completamente remanejado. No primeiro livro, Foucault se propõe confrontar a representação doença mental a uma reflexão sobre o homem; em 1962, Foucault busca um confronto, historicamente situado, do homem com o homem louco, o "verdadeiro homem". Aqui loucura, essencialmente distinta de doença mental, mantém relação essencial com a verdade. Em 54, faz-se alusão ao homem real; à essência abstrata da doença, ele opõe uma verdade efetiva e concreta do homem. Há aqui uma dificuldade cuja explicitação será o objetivo desta tentativa de arqueologia do texto de Foucault. Afinal o verdadeiro homem seria revelado pela loucura ou pela história da loucura? Haveria revelação ao final prevalecesse uma ou outra abordagem?

No texto de 62, esta passagem foi refeita - aqui põe-se em relevo um fato histórico, pois o sujeito da doença mental não é esta natureza autêntica ou objetiva, mas um ser histórico. Em 1962, Foucault está disposto a reconhecer a originalidade da Psicologia (Psicanálise) quando esta descreve a doença mental sem conotação negativa ou de deficiência; trata-se de um "rigor novo". Mas há um limite para estas interpretações psicológicas - já que incapazes

Documento proveniente do portal  
cahogarciaoficial.com.br



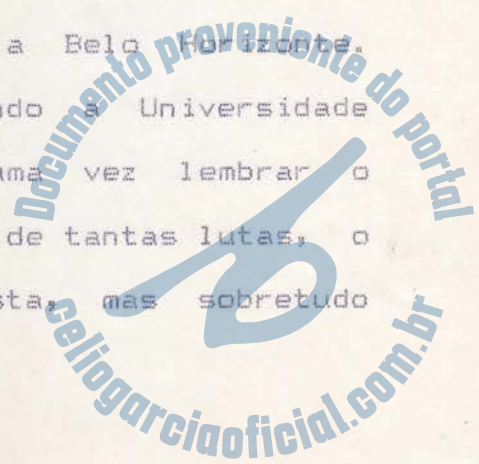
de colocar esta contradição ao nível do sistema estrutural de suas condições que são históricas em vez de reais. Em vez do fundamento real temos a constituição histórica, o que dá ensejo a uma "nova ordem de problemas". Não há fato psico-patológico em si, nem tampouco determinação entre doença mental e personalidade; as origens reais são as condições históricas de uma Psicologia cuja história veio a constituir a doença mental tal como a conhecemos. O texto de 54, preso a uma epistemologia realista, encontra algo de positivo e de real na doença tal como ela se apresenta na sociedade. Em 54, Foucault está disposto a supor que um dia quando o doente mental não estiver mais submetido à alienação, será possível encarar a dialética da doença numa personalidade que permaneceu humana; trata-se de restituir ao indivíduo sua personalidade. Em 62, esta teoria da alienação social foi afastada. Em 62, a experiência da loucura permite compreender a Psicologia, em vez de a Psicologia compreender a loucura. Estaria aqui anunciada uma outra utopia simétrica àquela encontrada no texto de 54 quando se evocava uma sociedade desalienada já que liberada de suas contradições? Esta nova utopia seria um novo saber sobre o homem, saber autêntico, saber verdadeiro, saber sem psicologia, sem patologia... Em vez de Nietzsche e Heidegger presentes no texto de 54 responsáveis por uma utopia de uma essência humana desalienada, agora temos Marx em 62 - em outras palavras, deslocamento de uma verdade psicológica da doença mental para uma verdade ontológica da loucura. Neste último caso, o alienado não é somente um desadaptado, mas produto de um regime institucional caracterizado pela exclusão. Haveria mudança total de perspectiva quando temos em mente as duas versões deste livro? E o que vamos colocar em questão.

Na segunda versão permanece a ideia de uma história como processo de ocultação da verdade; a história da loucura não será a loucura como história, mas esta história que aconteceu com a loucura, razão para suspeitarmos desta história, razão para que empreendamos a arqueologia desta história para que essa história assim como foi feito com relação a Psicologia, seja denunciada nas suas pretensões. Qual a relação entre história e verdade? Já encontramos dificuldade semelhante quando mencionamos o projeto de uma arqueologia da Psicanálise: 1. ou a Psicanálise terá sido explicitada na sua arqueologia o que nos remete a uma verdade histórica; 2. ou a história que é contada a propósito da Psicanálise ainda contém uma outra verdade a ser revelada malgrado a própria Psicanálise. Ou ainda o próprio trabalho de arqueologia torna possível uma explicitação da Psicanálise sem invalidá-la completamente." Foucault se dirige pas contre la Psychanalyse un combat qui serait dérisoire"este tinha sido o comentário de Maurice Blanchot. Mas, um dia ficaremos surpresos e compreenderemos mal como pôde uma sociedade tão voltada para eficientes aparelhos de produção ter consagrado tanto tempo e encontrado infinita paciência ao se interrogar com tanta ansiedade sobre o sexo; um sorriso poderá aflorar aos nossos lábios ao lembrarmos que estes homens puderam pensar que aí havia uma verdade pelo menos tão preciosa quanto aquela que outros homens haviam buscado nas estrelas, na terra, em formas puras de pensamento... Mas, essa é uma outra história.



Michel Foucault

Michel Foucault esteve em Belo Horizonte. Pena que Didier Eribon tenha tido e divulgado noticia tão sucinta. Com efeito à página 329 do seu livro "Michel Foucault", ele anota apenas a proposito das viagens de Foucault ao Brasil - "Il a voyagé à l'intérieur, jusqu'à Belo Horizonte..." Sobre esta permanencia de Foucault em Belo Horizonte, quero trazer meu testemunho. Contamos na ocasião com o apoio e participação de Moacir Laterza, assim como de outros colegas do Departamento de Filosofia da FAFICH, entre eles José de Anchieta, também participante desta serie de encontros hoje aqui na PUC. Moacir que trabalhava com o texto de Foucault em seus cursos pôde trazer interessante contribuição aos debates realizados naquela ocasião. Na casa de nossa colega Consuelo Albergaria, organizamos uma recepção à qual compareceram <sup>Foucault</sup> colegas da FAFICH, <sup>em outras unidades da UFMG</sup> e outras unidades da UFMG. Nesta ocasião Laterza nos mostrou montagem em torno do quadro de Velasquez "As meninas". Oscar Cirino, nova geração afluyente, levou para o Centro Michel Foucault, em Paris, documentação referente a esta passagem de Foucault por Belo Horizonte. Uma nova biografia sobre Foucault está sendo realizada graças ao trabalho de David Macey. Este pesquisador inglês tem estado em contato conosco através de cartas além de entrevista como foi o caso recentemente em Paris. Foi muito importante esta vinda de Foucault a Belo Horizonte. Quero deixar registrado este testemunho quando a Universidade Católica nos dá esta oportunidade de mais uma vez lembrar o amigo, o trabalhador incansavel, o batalhador de tantas lutas, o militante sincero, o arqueologo, o arquivista, mas sobretudo



aquele que nos ensinou algo sobre a verdade. Este ensinamento eu resumiria nesta frase colhida pelo amigo Paul Veyne - a grande questão para Heidegger era de chegar a conhecer o fundo da verdade; para Wittgenstein de sabermos o que dizemos quando dizemos a verdade; para ele, Foucault, a questão é "d'où vient que la vérité soit si peu vraie".

Alguns reparos foram feitos em se tratando de determinados pontos da obra de Foucault; se quisesse, poderia enumerá-los. Referem-se à liberdade com que manipulou dados, estabeleceu fronteiras, periodizações, tirou inferências, aproximou situações distantes no tempo. Historiadores tiveram reação desfavorável por ocasião dos primeiros contatos e leituras uma vez publicados os trabalhos de Foucault. Tudo isso está documentado. Porém, se nos limitarmos ao exame estrito da documentação teremos perdido ocasião para ~~travarmos~~ contato com uma estratégia das mais fecundas e astuciosas postas em práticas no campo das ciências que falam do homem e de seus avatares. A estratégia consiste em 1. identificação de trecho discursivo documentado de importância em se tratando de problemas de nossa contemporaneidade; 2. desmontagem do objeto de que trata o trecho; <sup>a</sup> ~~para~~ em seguida ~~presenciarmos~~ montagem de um novo objeto <sup>a</sup> ~~que vai se~~ <sup>submetido</sup> ~~constituir~~ em ~~objeto~~ <sup>a</sup> de estudo; 3. exercício da arte de persuadir trata de apresentar o novo objeto de estudo graças a erudição e reapresentação em diferentes contextos capazes de contribuir para operação de verificação em andamento; 4. lançamento do objeto em questão no campo do saber quando se trata de tese a ser endereçada à Academia, no campo da política, <sup>pelo</sup> ~~do~~ canal massmedia



quando se trata de tema de atualidade; 5. esperar um pouco e atestar os efeitos de verdade que a operação permitiu.

Ao final da vida, poder dizer - a questão vem a ser "d'où vient que la vérité soit si peu vraie". Porém se Foucault adotou estratégia brilhante, astuciosa, em nada se poupou no caminho arduo do trabalho incessante até os últimos dias de sua vida. Para atestar os testemunhos são numerosos; bastaria este último seminário no Collège de France em Fevereiro de 1984, já gravemente atingido pela doença, cujo título dizia "Le courage de la vérité"

Assim é que fui levado a me perguntar sobre as relações de Foucault e a Psicanálise, sobre o encaminhamento a dar a posições tão dispares emitidas pelo mesmo Foucault. Como sabemos em 1966, Foucault considerava a Psicanálise uma disciplina piloto, em 1976 uma prática retrograda; em 1966 a Psicanálise foi vista como condição de possibilidade de todo saber sobre o homem, em 1976 a mesma Psicanálise foi objeto de operação própria à estratégia corrosiva da arqueologia. O chamado "dispositivo sexualidade" (o fato de acreditarmos que ao falar de sexo encontraríamos aí alguma verdade relativa ao homem) quando acionado pela arqueologia de Foucault daria conta da Psicanálise apresentando-a como prática sem interesse a ser denunciada pelo arqueólogo. Assim fez Foucault na "Vontade de saber"; de lá ele partiria para completar seu plano que ficou inacabado. Um longo silêncio se fez entre este livro e os outros que estavam anunciados na contracapa da primeira edição. Quando vieram os próximos "O uso dos prazeres" e "O cuidado de si" constatamos atônitos que o arqueólogo havia modificado consideravelmente seu plano inicial.



Estes dois livros não constavam no plano inicial; eles nos levavam à Grecia, à Roma alongando bastante a trajetória. Porque não o "judaísmo antigo" pôde dizer Maurice Blanchot nesse admirável "Michel Foucault tel que je l' imagine". Que teria acontecido? "Circunstâncias de ordem privada" como registra Maurice Blanchot sem contudo se permitir ir mais longe na elucidação destas circunstâncias. "Il ne servirait à rien de les connaître" finaliza Blanchot este parágrafo. Não sabemos ao certo. O amigo Paul Veyne foi um fiel companheiro e por vezes conselheiro em se tratando dos estudos sobre a Grécia e Roma. Por conseguinte, houve deliberada digressão o que implicava em recuo no tempo, ~~na~~ para a execução do projeto de uma arqueologia que explicasse e desse conta da Psicanálise. Não foi fácil refazer o sucesso já alcançado em se tratando de outros objetos de estudo identificados pelo arqueólogo. A Psicanálise de toda evidência oferecia dificuldades muito especiais. Donde o recurso - recuar para melhor localizar o alvo. Por conseguinte, Foucault insistiu mesmo quando o instrumento de trabalho ao qual já estava habituado não lhe fornecia os resultados esperados. Insistiu por puro amor à verdade - "d'où vient que la vérité soit si peu vraie". Em outra ocasião ele havia declarado a Lucette Finas - "é perfeitamente possível fazer de tal sorte que façamos funcionar ficções no interior da verdade". Com os efeitos que sabemos, acrescento quando lembro dos resultados de "Historia da loucura" em se tratando de Anti-psiquiatria.

Pois bem, Foucault foi sendo levado nos últimos anos de vida "num movimento retrógrado sem freios e sem limites" levado pelo



instrumento de trabalho que ele mesmo forjara, a arqueologia. arqueologia que consiste em se procurar a fundação, a origem para se por às claras o caráter bastardo, violento de práticas discursivas e sociais. Esta máquina que se mostrara tão eficaz em outras circunstancias conseguiria agora <sup>mostrar</sup> apontar um corpo <sup>sem</sup> livre (do) sexo cujos prazeres múltiplos não seriam mais reunidos sob o comando unificador da castração? A Grecia parece ter oferecido a Foucault o ponto de apoio que ele procurava - um corpo de prazer plural, (componente da perversão), com o qual ele passou a contar nesse trabalho que lhe custou a vida. Prefiro pensar como Maurice Blanchot e reler a "História da sexualidade" não como um combate contra a Psicanálise, o que seria irrisório, no dizer do próprio Blanchot. Nem tampouco o sujeito desaparece <sup>do sujeito</sup> quando a morte do autor foi por Foucault identificada em um dos momentos da estratégia a que fizemos alusão; a ~~(sua)~~ dispersão no entanto, esta que não o aniquila, é duplamente interessante pois que ela aponta para uma pluralidade de posições e uma discontinuidade de funções não percebidas por aqueles que vivem ~~da miséria e da sobrevivência~~ <sup>da existência permanente</sup> deste mesmo sujeito. Não sei o que será feito da Psicanálise no século que se anuncia; sou levado a pensar que os psicanalistas se defendem da ideia de ver a questão posta nos termos em que acabo de sugerir. Meus colegas apressados logo querem saber onde serão levados os enigmas que cada um traz dentro de si. Não conseguiria chegar a esta formulação se não fosse o trabalho de Foucault, apesar de não pensar como ele que um novo sujeito ético possa surgir graças a uma estética da existência. Se me fosse permitido, diria para terminar: a Psicanálise está na dependência de uma versão do mal a ser



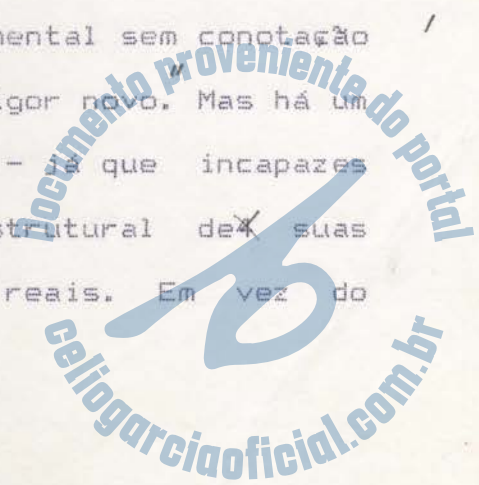
definida como denegação da singularidade; por outro lado, torna-se indispensável o forçamento do não nomeado graças ao nome.

### Arqueologia do pensamento de Foucault

Em 1954 Foucault publica "Maladie mentale et personnalité". Li este livro nesta primeira edição quando estudante de Psicologia em Paris. Em 1962, por ocasião de uma reedição, o livro foi completamente remanejado. No primeiro livro, Foucault se propõe confrontar a representação doença mental a uma reflexão sobre o homem; em 1962, Foucault busca uma <sup>(confronto)</sup> relação historicamente <sup>revelado</sup> situada, do homem com o homem louco "o verdadeiro homem". Aqui loucura, essencialmente distinta de doença mental, mantém relação essencial com a verdade. Em 54, faz-se alusão ao homem real; à essência abstrata da doença, ele opõe uma verdade efetiva e concreta do homem. Há aqui uma dificuldade cuja explicitação será o objetivo desta tentativa de arqueologia. *Não fica claro!*

No texto de 62, esta passagem foi refeita - aqui põe-se em relevo um fato histórico, pois o sujeito da doença mental não é esta natureza autêntica ou objetiva, mas um ser histórico. Em 1962, ele está disposto a reconhecer a originalidade da Psicologia (Psicanálise) quando esta descreve a doença mental sem conotação de deficiência ou negativa; trata-se de um rigor novo. Mas há um limite para estas interpretações psicológicas - <sup>adivindo</sup> as que incapazes de colocar esta contradição no sistema estrutural de suas condições que são históricas em vez de reais. Em vez do

Inst. Psycol  
onde ele  
foi redigido  
onde Foucault  
preparou o curso  
de psico-patologia  
pelo louco  
ra?)  
ou pelo histó  
riz do  
loucura





fundamento real, <sup>temos</sup> a constituição histórica, o que dá ensejo a uma "nova ordem de problemas". Não há fato psico-patológico em si, nem tampouco determinação entre doença mental e personalidade; as origens reais são as condições históricas de uma Psicologia cuja história ~~que~~ veio a constituir a doença mental tal como a conhecemos. O texto de 54, preso a uma epistemologia realista, encontra algo de positivo e de real na doença tal como ela se apresenta na sociedade.

Em 54, Foucault está disposto a supor que um dia quando o doente mental não estiver mais submetido à alienação, será possível encarar a dialética da doença numa personalidade que permaneceu humana; trata-se de restituir ao indivíduo sua personalidade ~~(num contexto de uma sociedade desalienada)~~. Em 62, esta teoria da alienação social foi afastada. Em 62, a experiência da loucura permite compreender a Psicologia, em vez de a Psicologia compreender a loucura. Estaria aqui anunciada uma outra utopia simétrica àquela encontrada no texto de 54 quando se evocava uma sociedade desalienada já que liberada de suas contradições? Esta nova utopia seria um novo saber sobre o homem, saber autêntico, saber verdadeiro, saber sem psicologia, sem patologia... Em vez de Nietzsche e Heidegger presentes no texto de 54 responsáveis por uma utopia de uma essência humana desalienada, agora temos Marx em 62 - em outras palavras, deslocamento de uma verdade psicológica da doença mental para uma verdade ontológica da loucura. Neste último caso, o alienado não é somente um desaptado, mas produto de um regime institucional caracterizado pela exclusão. Haveria mudança total de perspectiva quando temos em mente as duas versões deste livro? E o que vamos colocar em



questão.

Na segunda versão permanece a ideia de uma história como processo de ocultação da verdade; a história da loucura não será a loucura como história, mas esta história que aconteceu com a loucura, razão para suspeitarmos desta história, razão para que empreendamos a arqueologia desta história para que essa história, assim como foi feita com relação a Psicologia, ~~ambas terão sido~~ *seja* denunciada nas suas pretensões. Qual a relação entre história e verdade?

Já encontramos dificuldade semelhante quando mencionamos o projeto de uma arqueologia da Psicanálise, ~~ou seja,~~ <sup>1.</sup> ou a Psicanálise terá sido explicitada na sua arqueologia o que nos remete a uma verdade histórica; <sup>2.</sup> ou a história que é contada a propósito da Psicanálise ainda contém uma outra verdade a ser revelada malgrado a própria Psicanálise. Ou ainda o próprio trabalho de arqueologia torna possível uma explicitação da Psicanálise sem invalidá-la completamente." Foucault se dirige pas contre la Psychanalyse un combat qui serait dérisoire" este tinha sido o comentário de Maurice Blanchot. Mas, um dia ficaremos surpresos e compreenderemos mal como pôde uma sociedade tão voltada para aparelhos de produção <sup>eficientes</sup> ~~ter~~ consagrado tanto tempo e encontrado infinita paciência ao se interrogar com tanta ansiedade sobre o sexo; um sorriso poderá aflorar aos nossos lábios ao lembrarmos que estes <sup>homens</sup> puderam pensar que aí havia uma verdade pelo menos tão preciosa quanto aquela que outros homens haviam buscado nas estrelas, na terra, em formas puras de pensamento.

Mas essa é uma outra história